

A VOZ SECRETA DA NARRATIVA

Nélida Piñon

en

Nélida Piñon

en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad
Salamanca

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ es Catedrática de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada en la Universidad de Salamanca, donde ejerce como profesora desde 1990. Ha publicado más de 150 artículos sobre Teoría, Crítica y Literatura Comparada en revistas especializadas, y es autora de más de una veintena de libros, entre ellos *Lecturas del «Quijote» (siglos XVII-XIX)* (1998), *Pío Baroja: Aspectos de la técnica narrativa* (1998), *De la Poética a la Teoría de la Literatura* (2005), *El bien y el mal de las ciencias humanas* (2005), *Mujeres barojianas* (2017) o *La poética de Lorenzo de Zamora: una apología de la literatura secular* (2020). Desde 2008 colabora con el Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca, donde ha dirigido varios proyectos sobre literatura brasileña y su interpretación en España. Fruto de este trabajo son numerosas obras, entre ellas *El oficio de escribir: Entre Machado de Assis y Nérida Piñon* (2010), *Un clásico fuera de casa. Nuevas miradas sobre Machado de Assis* (2011), *João Cabral de Melo Neto. Poeta en la encrucijada* (2012), *Jorge Amado, relectura en su centenario* (2013), *Manuel Bandeira en Pasárgada* (2015), *João Guimarães Rosa: Un exiliado del lenguaje común* (2017) y *Ferreira Gullar. Poesía, arte, pensamiento* (2019).

Desde 2013 ejerce la crítica literaria en *El Cultural* del diario *El Mundo*.

NÉLIDA PIÑÓN
EN LA REPÚBLICA DE LOS SUEÑOS

A VOZ SECRETA DA NARRATIVA

Nélida Piñon

en

Nélida Piñon
en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad
Salamanca

ET CAETERA, 53

© Ediciones Universidad de Salamanca
y los autores

1ª edición: abril, 2021

ISBN 978-84-1311-325-8 (POD) / Depósito legal: S 112-2021
978-84-1311-326-5 (PDF)
978-84-1311-327-2 (ePub)

Ediciones Universidad de Salamanca
<http://www.eusal.es>
eusal@usal.es

Impreso en España-Printed in Spain

Maquetación, impresión y encuadernación:
GRÁFICAS LOPE
C/ Laguna Grande, 2, Polígono «El Montalvo II»
www.graficaslope.com
37008 Salamanca (España)

*Todos los derechos reservados.
Ni la totalidad ni parte de este libro
puede reproducirse ni transmitirse sin permiso escrito de
Ediciones Universidad de Salamanca*

Obra sometida a proceso de evaluación mediante sistema de doble ciego
Ediciones Universidad de Salamanca es miembro de la UNE
Unión de Editoriales Universitarias Españolas
www.une.es



CEP. Servicio de Bibliotecas

NÉLIDA Piñón en la república de los sueños / Ascensión Rivas Hernández (ed.).
—1ª edición: abril, 2021.—Salamanca : Ediciones Universidad de Salamanca, [2021]
170 páginas.—(Et caetera ; 53)

Textos en español y portugués, con abstracts en español, portugués e inglés
DL S 112-2021.—ISBN 978-84-1311-325-8 (POD).— ISBN 978-84-1311-326-5 (PDF).
—ISBN 978-84-1311-327-2 (ePub)

1. Piñón, Nélida—Crítica e interpretación. I. Rivas Hernández, Ascensión, editor, autor.
821.134.3(81) Piñón, Nélida1.07

Índice¹

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Cosmovisión de Nélide Piñon.....	9
NÉLIDA PIÑON. A voz secreta da narrativa.....	15
DOMÍCIO PROENÇA FILHO. A inquieta ficção de Nélide Piñon.....	25
ANTONIO MAURA. Las dilatadas Españas de Nélide Piñon.....	37
MARIA INÊS DE MORAES MARRECO. A inquestionável estatura intelectual de Nélide Piñon.....	47
BEATRIZ WEIGERT. Nélide Piñon: a palavra da mulher.....	57
ANA LÚCIA TREVISAN Y REGINA HELENA PIRES DE BRITO. Voces en diálogos identitários: un análisis de los cuentos de <i>O calor das coisas</i> , de Nélide Piñon.....	67
CRISTINA MARIA DA SILVA. As metáforas do lembrar em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	79
MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA GUIMARÃES. Eulália, a rebelde «distráida» em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	89
MARÍA ISABEL LÓPEZ MARTÍNEZ. Nélide Piñon ante los géneros fragmentarios....	101
ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Historias que no cesan de narrar. Intertextualidad en <i>La camisa del marido</i>	113
CID OTTONI BYLAARDT. Nélide e Machado: um cruzamento sedutor de sistemas simbólicos.....	127
REJANE QUEIROZ. A condição feminina nos contos «I love my husband», de Nélide Piñon, e «Amor», de Clarice Lispector.....	137

¹ Este libro se inscribe en las actividades del GIR «ELBA» (Estudios de Literatura Brasileña Avanzados) que dirige Ascensión Rivas en la Universidad de Salamanca.

MARIA ALICE SABAINI DE SOUZA MILANI. A identidade revisitada em «A imitação da rosa» e «Adamastor».....	149
M. CARMEN VILLARINO PARDO. Posición autoral y repertorio(s) en el campo literario brasileño: Nélida Piñon y <i>O calor das coisas</i> (1980).....	159

A VOZ SECRETA DA NARRATIVA

Nélida Piñon

Academia Brasileira de Letras

RESUMO: «A voz secreta da narrativa» serviu como colofón ao *I Congresso Internacional de Literatura Brasileira «Nélida Piñon en la república de los sueños»*. No seu discurso, a autora recupera os personagens do romance homónimo e se centra na figura dos emigrantes, dos quais ela é um exemplo vivo, ressaltando tanto o sofrimento daqueles que têm que buscar o futuro em outras terras como no enriquecimento que, em seu caso, supôs a sua dupla origem brasileira e espanhola.

PALAVRAS-CHAVE: *A república dos sonhos*, Emigração, Romance, Brasil, Espanha.

«LA VOZ SECRETA DE LA NARRATIVA»

RESUMEN: «La voz secreta de la narrativa» sirvió como colofón al *I Congreso de Literatura Brasileña «Nélida Piñon en la república de los sueños»*. En su discurso, la autora recupera los personajes de la novela homónima y se centra en la figura de los emigrantes, de los que ella es un ejemplo vivo, poniendo el acento tanto en el sufrimiento de los que tienen que buscar el futuro en otras tierras como en lo enriquecedor que para ella ha sido su doble origen brasileño y español.

PALABRAS CLAVE: *La república de los sueños*, Emigración, Novela, Brasil, España.

«THE SECRET VOICE OF THE NARRATIVE»

ABSTRACT: «The secret voice of the narrative» served as a colophon to the *I Congress of Brazilian Literature «Nélida Piñon in the republic of dreams»*. In her speech, the author recovers the characters of the eponymous novel and focuses on the figure of emigrants, of whom she is a living example, highlighting both the suffering of those who have to seek the future in other lands and the enrichment that, in her case, relates to her double origin, Brazilian and Spanish.

KEYWORDS: *The republic of dreams*, Emigration, Novel, Brazil, Spain.

CONVOCADA DESDE CEDO a fundir as tradições brasileiras e espanholas, que são a fonte da minha linguagem, o palimpsesto da minha fabulação, apraz-me pensar que herdei também os pigmentos e a emotividade de todos os povos.

Como consequência, ousou conceber o mundo ficcionalmente. A palavra, de uso comum, enseja a invenção que filtra as impurezas do cotidiano e confere grandeza oriunda das práticas diárias. A arte é o concreto. Com tal crença, dou início a qualquer relato e declaro, por ser natural, que o lar galego, onde nasci, não me oprimiu ou me cegou. Seus ocupantes não pareciam inclinados a solapar as iniciativas libertárias havidas supostamente na terra nova, com tudo ainda por se fazer. Agiam como se não trouxessem na alma as sevícias que Castela, a nobreza local, de conduta feudal, o clero dominador, impingiram outrora à Galícia. Nunca detectei no avô Daniel, ou em seus filhos, sinais de servidão.

Livre assim de tantas sanções que me poderiam ter aplicado, não vivi sob o signo de normas intransigentes, que adestrassem a imaginação ou me cortassem as asas, fazendo de mim uma mulher híbrida, incapaz de amar a pátria minha e a dos ancestrais. Ou olhar Espanha com ressentimento por haver expulsado de suas aldeias o meu povo. Quando se deu o contrário, desfrutei destas duas culturas com acentuada exaltação.

Graças a esta discreta liberdade, sucumbi às diferentes formas de arte. Passei a exercer a linguagem do cotidiano, que circulava pela casa, com destemor. E embalada pela promessa de visitar um dia Espanha, as narrativas familiares me iam preparando para a viagem que afinal se realizou.

Já na casa da avó Isolina, na aldeia de Borela, convivi com a natureza galega. Comunguei com o mundo arcaico, com a poesia de Martin Codax, de Rosalía de Castro, do castelhano de Cervantes. A matéria sobretudo da raça humana que forneceu subsídios à memória infantil que guardara, até então, as ocorrências brasileiras, e agora acomodara-se para receber o impacto das emoções provindas daquele outro universo. Como se eu tivesse nascido de novo. O que me obrigava a reverenciar, ainda hoje, o fardo de tantas lembranças, e o júbilo provocado por uma viagem iniciática.

Foi este tempo espanhol que se prolongou por quase dois anos, graças o qual carregou nas costas um outro lar, além do Brasil. Como se não fora suficiente para minha vocação de escritora contar com uma pátria como meu país, passasse agora a responder pelos desvarios de tantas heranças. Sujeita, portanto, a uma fome pela vida que surgira desde a mais tenra idade, quando exigia um caudal de acertos e desconcertos, de histórias vividas por Cleópatra, Semíramis, por Aníbal e seus infelizes elefantes.

Esta temporada em Espanha, com esporádicas visitas a Portugal, quase sempre vivida em Borela, Cotobade, na casa da avó Isolina, propiciou-me uma comunhão com a natureza galega, com o mundo ancestral, como se eu fora um druida celta prostrado em adoração diante das árvores. Sentia-me o mitológico Atlas a reter a esfera da terra nas mãos, enquanto absorvia, destemida, a geografia, o campo e a montanha, as lendas, as bruxarias, as línguas galega e castelhana, as festas de verão, os cheiros, a comida, os costumes locais, o substrato enfim da grei de que me originara.

Participar intensamente da glória e da mesquinha de todos, das cerimônias sigilosas, fazia-me sentir que fora condenada a viver com intensidade. Como consequência tentada a inventar o país da família, a que eu chegara em novembro, cercada por uma cultura sem desperdício. E todos estes modestos fenômenos ocorrendo justo no meu corpo que desabrochava, ninguém via ou sabia, só eu com o propósito de vir a contar no futuro.

Sou romancista. Enfrento, indômita, os dissabores encantatórios do meu ofício. Submeto-me à massa verbal que implica na fatura de um romance sobrecarregado de insondáveis conflitos.

Como consequência, padeço das turbulências da linguagem e das emoções que afloram à medida que avanço nas contradições do texto. Pesam-me, portanto, as pressões temporais e espaciais, a carga das identidades contidas na psiquê ancestral, sempre atuante, e ainda as realidades superpostas.

Como mera criadora de uma obra que aspira tão somente atingir a cercania da plenitude, predisponho-me a desencadear a urdidura e o caos narrativos, que afinal é o destino da arte.

Como autora do *A república dos sonhos*, potencializei as peripécias humanas concentradas no desfecho de uma história que carecia ser contada. Ciente de que fora da escrita pessoal, não havia história, só o fracasso narrativo.

Confrontada com a insidiosa natureza do romance, padei de uma vertigem que acompanhava o curso da criação, enquanto realçava os recursos inerentes à linguagem.

Era, porém, mister confinar-me aos limites narrativos, com o propósito de forjar personagens e cenas que se moviam em torno de dramático universo, em total desrespeito à noção primária da lógica que antagoniza a estética.

Contudo, Madruga, personagem central, e demais parceiros, previamente condenados pelos efeitos abolicionistas da criação literária, cediam-me seus corpos para fazer deles arquétipos, réplicas do contingente humano. Uma carne que eu modelava com expressões comuns à humanidade. De antemão sabendo que o *A república dos sonhos*, entidade literária há muito buscada, devorou-me antes mesmo de ganhar existência. E que, ao dar-lhe início, forçou-me a viver sob sua guarda, compensando-me com as imperativas prerrogativas da sua arquitetura assimétrica e instigante.

E foi o que aliás quis. Um romance enlaçado firmemente com as irregularidades humanas, resistente a fazer concessões que ferissem o seu arcabouço moral e estético. Daí que a cada dia o livro surgisse potente, a cobrar uma estratégia assentada intrinsecamente sobre matéria turbulenta, própria da obra de arte contrária a uma coerência acomodada.

Como consequência, o *A república dos sonhos*, de espírito insurgente, ganhava uma representatividade literária atrelada a procedimentos narrativos segundo as leis de duração temporal, de consciência espacial.

À medida que avançava em suas páginas, o texto, sempre voraz, multiplicava-se, atendia a camadas que, conquanto imprevistas, tornavam-se realidades inéditas, cuja soberania impunha novas condutas. Como forçando-me a abolir o realismo canônico, de costume inimigo da invenção, a fim de que a

desordenada complexidade romanesca se afinasse com o que era inerente ao humano. E fosse eu capaz de traduzir o conjunto da linguagem imaginária a serviço da faustosa fabulação.

Alguns traços do *A república dos sonhos* acentuavam sua vocação melodramática. Desde a abertura eles traziam em seu bojo a miséria e as excelências do espetáculo humano. Destacavam os personagens que, de alma andarilha, agarrados à sola dos pés, com o suor entre os artelhos, esplendiam em frangalhos em meio à narrativa. Enquanto sob o efeito de emoções desmedidas, emprestavam à história tudo o que eu era como romancista.

Se pudesse, faria vários proclamas. Como admitir que a imaginação rege parte do meu ser. Dita e contrária estatutos sociais e devaneios. Oxida e exalta o caos, que é também o penhor da minha liberdade estética.

De posse, afinal, de alguns conhecimentos, e trabalhando dezesseis horas diárias ao longo de dois anos, avançava pela criação sustentada por uma paixão desenfreada. Meu empenho, verdadeiramente extenuante, era costurar a narrativa por dentro, cujos fios, intangíveis, pretendiam fugir ao meu controle. Mas sem perder de vista que a vida, com seus dilatados malabarismos, ditava paradigmas próprios. Mas jamais desprendendo-me do fardo da invenção e nem abstando-me da realidade minha, paralela à romanesca, de que fazíamos todos parte.

A noção de pertencer à vida, de que forma se apresentasse, nunca me abandonou. Ao contrário, esta adesão diária ao cotidiano, garantia-me a ilusão de que a escrita, competindo com a minha vida, desafiava o mal e a inocência em igual medida.

Esta imaginação, que sempre exalto, representava, naqueles anos, levedo do meu pão diário. Fecundava a escrita e revigorava-me. Permitia ajustar-me ao mesmo tempo à fabulação e a uma certa realidade mesquinha, sem as quais nada prosperaria. Ao guiar-me esta imaginação como uma bússola, lá ia eu, por meio de palavras e sentenças, em direção às sendas da invenção

Solitária ante as emergências da arte, o próprio *A república dos sonhos* ia esclarecendo-me sua anatomia anímica, polissêmica. Com elmo e escudo, o romance resistia a qualquer redução em seu organismo. Sua urdidura, ditada por forte carga simbólica, desembocava sua identidade no epicentro da existência.

Abraçava ele, portanto, o conceito quimérico de ser o mundo o cenário ideal para acolher os desvarios coletivos, as labaredas do pensar humano, a carnalidade e a transcendência. Para realçar, em seus entrecchos, as consequências de uma realidade capaz de levar, de abstrair-se, de assassinar. A ter em vista que, por força da tarefa de narrar, e se necessário, eu me imolasse sobre a ara do sacrifício.

Desde o seu primeiro suspiro, o livro insuflou um ideário de fabulações, de enredos fluviais, que cobriam o estuário e a foz do verbo. Histórias sediadas às margens dos continentes europeu e americano, de modo que suas vertentes, de matriz civilizatória, fossem preservadas graças à consciência oral, por exemplo, de Xan, um aldeão galego, que se tornou porta voz da arte narrativa. Uma arte imortal a que os pobres, conquanto protagonistas, não tinham acesso. Graças

assim a este contador popular, de figura destacável ao longo das décadas, podiam os camponeses, em sua companhia, remontar às peregrinações medievais, aos enredos dos satíricos e voluptuosos goiardos, aos relatos das sofridas aldeias galegas. Era um contador que ensinava a todos, em especial ao neto Madruga, que as mitologias produzidas por cada um deles, e que sobreviviam aos séculos, eram susceptíveis de apropriação e prontamente incorporadas aos bens alheios, ao acervo cultural das nações vizinhas. Assim devia o neto trazer de volta à Galícia as lendas que os castelhanos sequestraram.

Como autora, decantava a matéria que jazia, como morta, na consciência brasileira, justo aquela com que dêramos início à bendita mestiçagem, resultante do sangue que gotejara dos índios, brancos e negros. E que, ao unir-se aos filhos da penúria que a Europa expulsou para o fundo do mar, cimentou as claves essenciais da identidade brasileira. Enquanto simultaneamente submergiam todos na adversa e atraente aventura americana, da qual não tinham mais como escapar.

Uma circunstância histórica que lhes permitia, como simples imigrantes, o nobre papel de incrementar o sistema alegórico brasileiro, com o qual enfim definir uma nação. E ao serem parte essencial da íntima subjetividade nacional, podiam reivindicar o título de desbravadores de um novo continente.

Como regente de uma proposta estética que excedia às vezes aos seus limites, eu insistia. Havia que rastrear que espécie de fusão ocorrera entre brasileiros e imigrantes chegados à terra a partir do final do século XIX. Uma tribo de variadas etnias, línguas, credos, que passou a responder por novos conceitos que congregaram o país. Estes desembarcados formados por homens e mulheres dispostos a cumprirem suas rotas atípicas. Perfilados diante do Brasil, responsabilizavam-se por feitos que, conquanto de dimensão modesta, sustentavam uma narrativa com feição épica. Era um povo que encarnava, em conjunto, a saga de Madruga. Aquele imigrante galego que, à frente de largo cortejo de criaturas, imolava e reacendia sua vida, suas memórias, ao tempo que narrava as vastas irregularidades do comovente descampado brasileiro.

Os avanços narrativos acumulavam-se sem piedade comigo mesma. Cada passo à frente comprometia-se com a fala poética que refletia o denso pensamento, os maneirismos, o coração e a língua sincronizados, a paisagem afinal onde se instalavam todos.

Foram recursos mediante os quais eu imergia no núcleo da arte para me salvar. Do qual se irradiavam résteas dos saberes provindos dos pastores das Argólidas, dos Simbads do Índico, da sarça ardente do Monte Sinai.

Filiada à arte desde menina, seduziam-me os enigmas imanados pelo inconsciente dos personagens, genuínos brasileiros e imigrantes, expostos no palco, e que eu, a fim de enfrentá-los, cedia a cabeça ao cutelo.

No fragor da batalha literária, palmilhava a memória reclusa, forçava as fendas verbais a se abrirem, extraía de cada frase partículas mínimas que anunciavam o nascimento do mundo e o milagre dos inventivos improvisos.

Sem cessar, recorria às lembranças familiares, que cobrissem o lendário da cozinha, do quintal, da sala do piano e da mesa de bilhar. Ampliava assim

percepções oriundas dos ancestrais, dos vivos, de épocas longínquas, de um repertório que jamais se eclipsou. De fecundas memórias alojadas no meu ser narrador.

Pratiquei certamente uma arqueologia caseira, como era mister ser. E para melhor cumprir os deveres do ofício, desenterrava os fósseis arcaicos, afugentava o pó do milênio, sempre grata por alimentarem a minha perplexidade.

Nem por isso, filha da caverna e do fogo, em que tempo fosse, não descuidei das precárias modernidades do meu tempo, a cujas ações recorro, por julgá-las decorrentes do próprio apetite da arte. Portanto, brasileira da minha época, como tal apalpo as emoções provindas dos meus personagens. Faço com que seus estertores, decerto revolucionários, traduzam a humanidade.

À medida que inventava cada linha do romance, expandia a minha audácia. Passava a ser Madruga, Eulália, Odete, Venâncio. Era quem precisava ser. Dava passos incertos, mas indispensáveis. Importava-me dar alento a novas interpretações, converter vivências e revelações em salvo conduto. Com ele incrementando a narrativa, redimensionando o que para Breta, neta de Madruga, constituía razão de ser. Uma matéria, dela e dos demais, em vivo contraste com uma Galícia atada a seu lendário arcaico. Ambas perspectivas em si transgressoras.

Refugiava-me à sombra do verbo que jamais toldou minha liberdade literária. Seu universo multiplicador confirmava que a criação era necessariamente desrespeitosa, pecava sob o impulso de seus desatinos. Abria a porta que levava ao inferno ou ao firmamento, dois precipícios atraentes.

Tantos andrajos e desgraças povoavam a genealogia de Esperança, Xan, Eulália e filhos. Um desfile de seres, cujas vozes corais e variados pontos de vista, cediam-me uma pauta compatível com cenários criadores.

Eulália, no frontispício da próxima morte, dando começo ao livro, comovia-me. Parecia sofrer sem emitir um som. Distante da Galícia, despedia-se de um Brasil incapaz de se cristalizar. Refinada dama, e esposa de Madruga, servia à própria memória e a do pai que, devido a sua pequena fidalguia, comandava os membros de sua casta. Muito cedo ela convencera-se de que os homens não sabiam narrar, mostravam-se inaptos em lidar com os enredos secretos do aroma humano. Segundo sua crença, inclusive a religiosa, tal missão cabia a Deus, o grande narrador da civilização. Conquanto mal conhecesse o mundo, ela encarregara-se de preservar em caixas individuais, que correspondiam a cada filho, singelas lembranças tidas como significativas para seus rebentos. Pensava assim vocalizar os sentimentos da família e a memória do país distante.

Nada lhe dizia o verossímil das coisas e dos fatos. Mal lidava com o crédulo, o palpável, o veraz. Seu lugar na terra era repousar no banco de alguma capela que sonhava existir no reino de Deus. Talvez devesse recolher o que via abandonado no chão e com estes ciscos tecer os meandros da sua fé. Jamais duvidara da ciência de Deus ou aceitara a tentação de cruzar em seu caminho com algum melodioso poeta provençal.

Os racontos, para Eulália, representavam uma excursão pela geografia da alma. Como a reconhecer que os personagens, uma vez sob o jugo da ambiguidade, da estética tirana, vivendo em meio aos tropeços, não obedeciam às linhas retas.

Diante de tantas perturbadoras convicções, eu explorava à exaustão os veios auríferos do romance, pepitas e pedras ilusórias. Resistia em apagar o que outrora boiara na superfície da terra. Afinal o que o humano produzira, integrava-se automaticamente ao rol dos haveres civilizatórios. Devia sobreviver.

Assim acatei a antiguidade poética das criaturas, dos objetos, dos atos, sobretudo das vibrações latentes da realidade. Talvez por intuir que, por trás de semelhante visão, perdurava uma eloquência verbal que permeava os interstícios da criação, deixava transparecer uma verdade narrativa. Enquanto acentuava, ao longo do *A república dos sonhos*, o nível de representação daqueles corpos amontoados na ribalta.

Mas, para o bem da história, eu devia cuidar do destino dos personagens. Devolvê-los aos seus casebres e castelos, onde, alojados, seriam meros facínoras ou sátiros goiardos. Sem esquecer que o romance, em sua totalidade, resumia de certo modo quem eu era. Havia que fixar nas linhas mestras meu labor de romancista. Provar-me feudatária da memória que espelhava as funduras do mundo.

Eu respirava por meio do livro. Dei-lhe o coração e ele o seu. Deixei de ser Nélide e metamorfoseei-me em Madruga, Xan, Breta, Eulália, e os demais. O que eles exigiam, eu lhes cedia. Ofertava-lhes o apogeu da imaginação, as que-relas, os encantos, o sentimento de perenidade. O paroxismo, enfim, do incenso sagrado do poético que pedia a perfeição estética. E assim foi até o epílogo.

A América é um mito que se reproduz em mil outros. Como filha deste continente, incorporei-os à minha vida narrativa. E ao enlaçá-los com a prodigiosa aventura imigratória, desde cedo persegui o ideal de enfrentar no futuro um romance que correspondesse a um universo totalizante, com forte teor épico. Uma estrutura capaz de narrar a história da América, de enfatizar os fundamentos brasileiros a partir de uma perspectiva nativa e europeia. Uma forma idealística de contemplar o que foi no passado o paraíso perdido, segundo palavras de Rousseau, Montaigne, Boétie, Montesquieu e demais sonhadores progressistas, em especial no que se referia à questão indígena. Um romance em cujo centro irradiador perpassa a imagem da «terra incógnita», próxima à concepção utópica de Thomas More.

Certamente um espaço com dimensão edênica, de acordo com os viajantes europeus dos séculos XVI, XVII, XVIII, como Von Martius, Hans Staden, Langsdorff, Humboldt que, em coro, descreviam o Brasil sob forte impulso imaginativo, conduzidos por um gosto estético e antropológico ditado pelos países de origem. E cujos conceitos correspondiam em geral com as expectativas fantasiosas de uma Europa cuja imaginação, ao exaurir-se, carecia da assombrosa seiva que as paragens resplandecentes do outro lado do Atlântico lhes podiam municiar.

Orientada por estas considerações, adotei o imigrante como intérprete das idiosincrasias brasileiras. Uma decisão reforçada pelo fato de dominar o tema da imigração a partir de vivência familiar. De poder extrair destes imigrantes suas sensibilidades recônditas, de reconhecer como fecundaram suas vidas após a chegada à América.

Desde cedo, em torno da comida fumegante, aprendi a interpretar a psicologia do imigrante, em especial o galego. Identificava os efeitos dramáticos da

travessia atlântica em suas condutas. O que lhes acarretava na alma o distanciamento da pátria, um sentir que se traduzia por um esvaziamento interior que não sabiam eles esclarecer.

Notava como os avós e o pai temiam borrar o passado, esquecer como fora a vida tida na aldeia. E como, à sombra de certa melancolia, talvez carregassem no corpo o peso de uma precoce mortalha.

Minha infância, em meio a galegos e brasileiros, foi pródiga em afetos e saberes. Em Vila Isabel, ao lado da avó Amada, colhia seus discretos suspiros, como que resignada a nunca mais volver à sua pátria. Eu imaginava que a condição de imigrante, a que se submetera desde o desembarque no Brasil, não era fácil. Afinal o país tinha donos a imporem irrestrita obediência às práticas sociais que ditavam, a ela e os brasileiros fora dos seus círculos.

Durante o curso narrativo, de um livro que certa vez intitulei como minha Suma Teológica, eu repartia as passagens do cotidiano entre brasileiros natos e imigrantes, ambos grupos ansiosos por serem bafejados pela sorte, sem descuidar-me de acentuar os transe históricos e seculares, julgados imprescindíveis às ocorrências em pauta.

Ao lidar com estas facções sociais, as de casa e as com que lidava na rua, eu sofria com os reveses sofridos por todos. Desde cedo era susceptível diante da dor alheia. Em especial relativo aos imigrantes, em cujo seio eu nascera. Vira como latejava neles um sofrimento que não deixavam transparecer. Observava o regozijo com que festejavam a fartura da mesa, cada travessa simbolizando sucesso.

Durante o trabalho, em benefício da escrita, eu pedia socorro à memória. Via em Eulália traços da avó Amada, como que a denunciar que o seu coração sangrara até a sua despedida. Também recorria frequentemente aos avós e ao pai, já falecidos, aos ancestrais enterrados há séculos nos átrios das igrejas galegas, para que me cedessem emoções, olhares, entranhas e histórias. Suas carnes e suas confidências. Pedacos de sua vida guardados nos baús, em sigilo de confissão. E, caso pudessem, falassem das humilhações sofridas a partir do barco que zarpou de Vigo em alguma manhã imersa na bruma, quando choraram. A nave do inferno que os desembarcou na Praça Mauá, fonte futura da imaginação, de certo tomados por toda classe de paixão e medo.

Mas eu cuidava sobretudo da memória. Da eficácia do seu idioma que é vasto e sem o qual o *A república dos sonhos* não existiria. Uma memória presente ao longo dos 37 capítulos que abrigaram a miséria, a solidão, os devaneios, o fracasso dos ideais individuais, do Império, da República, das rebeliões, das ditaduras. Os tremores civilizatórios, as etnias mestiças. O mundo, plasmado há milênios. Enfim o tabuleiro de xadrez sobre o qual os personagens se moviam crenes na imortalidade da vida.

O romance inicia-se com o anúncio de que Eulália morrerá naquela terça-feira. A fidalga esposa de Madruga que, na iminência de partir, dona de inabalável fé, deflagra o início do romance. A partir desta circunstância a realidade desfila a cada página. Desde a chegada ao Brasil de Madruga e Venâncio em 1913, ambos adolescentes, inseridos nas peripécias históricas iniciais do século XX.

Madruga trazendo na memória a figura do avô Xan, a quem ele traía, mas cuja oralidade fluente difundia em Sobreiro, a aldeia familiar, a versão da história sob o ponto de vista dos humilhados e ofendidos. Sua função de expor o que jamais fora contando. De retomar os fios dos enredos galegos, onde os camponeses, conquanto presentes, tornaram-se invisíveis. Queria-os lidando com a sorte que os abatera ao largo dos percursos históricos.

Uns personagens de pungentes desempenhos, que povoaram o Brasil e a Galícia, e que eram narradores tanto quanto eu. Assim eles se ajustavam igualmente à primeira e à terceira pessoa, podendo ser voláteis ou de rara concretude. Mas evadiam-se, em geral, de um realismo reducionista propício a impedir que fossem parte das ocorrências. De nada valia que eu os apartasse dos tempos vividos, ou impedisse seus protagonismos. Pois a técnica, aplicada à narrativa, eludia-se dos vazios perniciosos ao relato. O que me obrigava a compensar os acertos e os descompassos da narrativa. A buscar as fendas da linguagem a fim da poesia e dos personagens reverberarem.

No curso da escritura transparecem os transtornos históricos que realçavam as complexidades de uma sociedade atrelada à vida de cada qual. Capazes de danificar e iludir os personagens enredados na melancólica doutrina do cotidiano.

Como resultado, vivia na carne os embates anímicos e sangrentos havidos no país. Padecia das oscilações entre o anacronismo social e a precária modernidade. Colhia os resquícios terríveis da escravidão que nem a abolição me consolava. Um horror que cobria Odete, a serviço da patroa Eulália, com quem mantinha uma cumplicidade quase conjugal, jamais havida entre a esposa e Madruga.

Uma Odete que traz à baila o abandono da população negra, relegada ao mais cruel dos destinos. A abolição que precipitou o fluxo imigratório, responsável pela vinda ao Brasil, a partir do final do século XIX, de milhares de imigrantes. A ponto de se registrar que, em 1912, 81 % dos operários de São Paulo eram italianos. Um volume a motivar que o Congresso Nacional, em 1907, promulgasse a lei Adolfo Gordo, mediante a qual se expulsava sumariamente do Brasil qualquer imigrante, mesmo sem culpa formada.

Madruga é figura medular. Ao lado de Eulália, Venâncio, Breta, Odete, e outros mais, sobressaem neles peculiaridades que se refugiam nas indispensáveis artimanhas narrativas. Uns falantes sem rotas rígidas, à beira de desvendar segredos da alma e da vida. Pautados, porém, por uma monumentalidade típica de um enredo disposto a misturar a onisciência do narrador invisível com os timbres soberanos dos personagens. Uma prática que exigia extremada cautela, e cujos efeitos corriam o risco de arrefecer sentimentos imprescindíveis ao relato.

Guiava-me fundir ações, personagens, tempos narrativos. Encarregar as vozes de intensificar suas participações na história. E que, por terem ganho nomes, deviam ser libertárias e ambíguas. Prontas a dar realce a um enredo que não podia prescindir dos mínimos detalhes.

Reconheço, porém, que nenhuma narrativa se esgota nas considerações do autor. Ela arfa sozinha, perdura após seu término. Há de ser sempre um sutil

instrumento sujeito às revisões estéticas. Portanto, qualquer linearidade ou simultaneidade romanesca é uma doce farsa.

Assim, ao encerrar o *A república dos sonhos*, assumi a poética do artesão da escritura, que sou eu. E resigno-me diante da imponderável verdade narrativa.

Tudo que sei agora é que me empenhei em decifrar a arte romanesca. Travei a batalha e não sei se perdi ou ganhei.

La obra literaria de Nérida Piñon se asienta sobre tres pilares fundamentales: su país, sus orígenes españoles y la escritura en sí. Brasil y España conforman los dos polos geográficos entre los que se desarrolla la visión nelidiana del mundo en general («Desde la más tierna infancia he sentido los efectos de la doble cultura. Destinada a reivindicar el mundo desde un punto de vista doble», dirá) y de la literatura en particular, mientras escribir es para la autora el modo de relacionarse con el mundo y un instrumento que le permite explicarse a sí misma. Como reflejo de esta necesidad de ser interpretada en esa multiplicidad de facetas, en este libro se recogen todas las dimensiones de la cosmovisión nelidiana. Para ello se reúnen algunas de las ponencias y comunicaciones que se presentaron en el I Congreso Internacional de Literatura Brasileña «Nérida Piñon en la República de los sueños», que se celebró en la Universidad de Salamanca en noviembre de 2018. Conforman estas páginas los trabajos de algunos de los brasileñistas más importantes a ambos lados del Atlántico: Domício Proença, Antonio Maura, María Isabel López Martínez, Carmen Villarino o Ascensión Rivas Hernández. En el libro se recogen, además, las investigaciones de estudiosos pertenecientes a diferentes universidades brasileñas, muchos de ellos desde una perspectiva comparatista. Algunos de estos trabajos hacen un examen general de la obra de la autora; otros abordan aspectos sobre el feminismo en su narrativa o analizan sus personajes femeninos; en otros se estudian las relaciones entre los dos espacios geográficos vitales de Nérida Piñon, Galicia y Brasil. Mención especial requiere el capítulo reservado a la propia autora en el que se recoge su intervención en la clausura del Congreso. En su discurso, Piñon analiza *La república de los sueños* y lanza una mirada cómplice hacia sus personajes deteniéndose particularmente en la figura del emigrante y reflexionando sobre el dolor que implica el abandono del país de origen.

O I Congresso Internacional de Literatura Brasileira: N. S. L. de Lima em La República de los Suenos acordou ser o auspício de seu 100.º aniversário da Universidade de Salamanca no ano de 2018, quando este Congresso temple do saber debaixo das auspícios do CNPQ e Fundação de Amparo à Pesquisa em seu país e em Portugal.

O encontro que proporciona uma interação de ideias, experiências e pontos de vista, além de ser um espaço de diálogo entre os países de sua história e cultura e por sua vez, sua importância fundamental para a ciência e sua aplicação prática através da interação de conhecimentos e experiências em áreas específicas, possibilitando a troca de ideias e experiências por meio de trabalhos científicos e artísticos em textos de alta qualidade e de grande relevância para a área.

Com sua própria experiência com eventos de nível internacional, a instituição tem a honra de receber este evento e proporcionar um ambiente propício para a realização de trabalhos científicos e artísticos de alta qualidade e de grande relevância para a área. A instituição tem a honra de receber este evento e proporcionar um ambiente propício para a realização de trabalhos científicos e artísticos de alta qualidade e de grande relevância para a área.

